
Apresentação

Gleudson Gomes ¹

Victor Lean do Rosário ²

Victória Costa ³

A obra que abre esta edição da Revista de Estudos e Investigações Antropológicas (REIA), presente na capa, intitula-se “Malandro Urubu”, do artista visual paraense Rafael Carmo. Rafael é um homem trans negro morador do bairro do Guamá, um dos mais populosos de Belém do Pará. Destacamos a imagem em questão para apresentar o dossiê "Gênero, Sexualidades e Raça: Práticas nas cidades, interioridades e tensionamentos regionais no Norte e Nordeste", por vermos nela representados alguns dos debates desenvolvidos nos artigos e ensaio fotográfico que compõem este número da Revista.

Malandro Urubu tem características daqueles que são passantes/transeuntes, ou seja, que praticam os espaços citadinos (Certeau, 2014) que não são aqueles centrais estabelecidos, almejados e estimados, mas os que foram relegados às margens, junto com quem os ocupou. E essas características estão presentes em comportamentos, rostos, casas, eventos, paisagens. A obra traz-nos a riqueza de características possíveis em uma mesma pessoa e que se estende,

¹ Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA). Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (2013). Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Vinculado ao Naverrâncias - Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia (PPGSA - UFPA) e ao Confluências - Grupo de Estudos Gêneros, corpos e sexualidades (PPGSA - UFPA). Atuou como professor nos cursos de Comunicação Social da Faculdade Paraense de Ensino (FAPEN), Faculdade Pan Amazônica (FAPAN) e do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA). Atualmente está vinculado à Faculdade Lantino Americana de Ciências Sociais (Flacso-Brasil).

² Licenciado em ciências sociais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA), com ênfase em Antropologia. Doutorando pelo mesmo programa, com ênfase em Antropologia. Pesquisador do grupo de pesquisa Pugna, etnografia, poder e sociabilidades, da Universidade Federal do Pará. Pesquisador do Confluências - Grupo de Estudos Gêneros, Corpos e Sexualidades. Pesquisador do grupo de pesquisa Nuap, Núcleo de Antropologia Política, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no Museu Nacional, Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da mesma universidade. Especialização em Amazônia, História, Espaço e Cultura na Faculdade Integrada Brasil-Amazônia (FIBRA). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e em Cinema e Audiovisual, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Vinculada ao Naverrâncias, Grupo de Pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia (PPGSA - UFPA) e ao Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV - UFRGS)

também, para o ambiente em que está inserida, evocando as territorialidades (Perlongher, 1984) que conformam identidades com suas diversas interseccionalidades (Crenshaw, 2002).

Assim, raça, territórios, identidades de gênero e regiões são alguns dos marcadores que permeiam as pesquisas e escritas dos 14 trabalhos que leitoras e leitores encontrarão neste Dossiê, que tem como um de seus objetivos reunir e divulgar produções científicas centradas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Com essa intenção, não pretendemos estabelecer divisões regionais ou “bairrismo” na produção acadêmica sócio-anropológica, mas, sim, possibilitar espaços de diálogos entre os pares situados nesses territórios. Se todo conhecimento antropológico é situado e parcial, pretendemos, com este Dossiê, oferecer olhares regionais - mas não regionalistas - sobre temas tão caros para o pensamento antropológico brasileiro.

A consolidação da antropologia no Brasil evocou uma série de pesquisas que tinham influência ora francesa, ora inglesa e estadunidense, o que corroborou para a diversidade de análises antropológicas na segunda metade do século XX, sob o esteio da categoria cultura (Cuche, 1999). Com os estudos sobre diversidade sexual e gênero não foi diferente, uma vez que se consolidaram, a partir da formação dos programas de pós-graduação, em universidades e centros de pesquisa no eixo sul-sudeste. E, alinhada aos estudos sobre sexualidades, a antropologia urbana também surge na seara dos grandes centros urbanos (Velho, 1989; Bemerguy, 2019). O tema racial constitui o “pensamento social brasileiro” (Almeida, 2020), ora corroborando teorias racistas, ora criticando noções como a “democracia racial”, impactando nas produções antropológicas quando pesquisam as/os “outras/outros” negras/negros em território nacional (Damásio, 2021). Questionam-se, por exemplo, categorias como “morena/o” e a construção de feminilidades e masculinidades negras pautadas em visões racistas.

O avanço antropológico que, de um lado, enfatizava os estudos no urbano e, do outro, as relações de gênero, tiveram o eixo sul-sudeste como um nacionalismo metodológico (Roy, 2007), ou seja, transformaram as análises feitas naquele contexto como um espectro que equivalesse a todo o contexto brasileiro, o que secundariza regiões como o Norte e o Nordeste na produção antropológica. Em um trabalho contemporâneo, Paulo Ferreira (2006) destaca como os corpos camponeses são tratados pela literatura científica como mecânicos, sem vida e sem prazer. O corpo camponês, casto, castrado, imaginado pela comunidade científica é tensionado pelas suas análises, onde o desejo entre os homens que se relacionam com homens tornam o cenário do desejo muito mais dinâmico. Na mesma esteira, Fabiano

Gontijo e Igor Erick (2015) também apontaram as poucas análises sobre diversidade sexual e gênero fora dos grandes centros urbanos, o que desencadeou inúmeras pesquisas sobre a temática, tendo como foco a perspectiva antropológica e etnográfica (Nascimento, 2008; Souza, 2013; Erick, 2021; Rosário, 2024).

O objetivo deste Dossiê, portanto, é trazer essas temáticas para o debate, somando às suas especificidades territoriais, que se tornam instrumentos de pesquisa, análises e reflexões sobre novas formas de pensar e produzir Antropologia. Este campo de conhecimento, nascido em países como França, Inglaterra e Estados Unidos e que, portanto, direcionaram os estudos iniciais, hoje tem uma diversidade de autores e questões investigadas que fogem à perspectiva colonizadora e colonizatória de outrora. Assim, a ideia deste dossiê nasce para somar aos estudos consolidados: O que se passa nos centros urbanos amazônicos ou nos interiores afastados? O que tem sido falado nos debates raciais no nordeste? Como os debates de gênero são trazidos à tona em contextos fora do eixo sul-sudeste?

A Antropologia das cidades e interiores, quando chega às cidades nortistas e nordestinas, se molda às sociabilidades e cotidianidades que se apresentam. Os espaços e pessoas, antes retratados a partir de perspectivas estrangeiras, agora falam a partir de dentro.

Pretendemos, aqui, não uma subversão da literatura científica, mas uma complexificação da mesma, pluralizando olhares e escutas, elaborando um panorama de pesquisas que fundam um novo centro, independente dos grandes centros (urbanos, de poder e de conhecimento) estabelecidos.

Ao pensarmos na proposta deste Dossiê, tomamos como ponto de partida justamente nossas trajetórias de formação e pesquisas no campo da Antropologia, localizados na região Norte, o que nos fez entender a necessidade de espaços, ainda que virtuais, de diálogo e circulação das pesquisas desenvolvidas no lado de cá do Brasil. A chamada, portanto, visou a criação de um espaço de reflexões e pesquisas contemporâneas, localizadas no Norte e Nordeste do país, a fim de compreendermos o que vem sendo produzido no âmbito da convergência destas temáticas acima citadas. A quantidade de submissões recebidas foi uma resposta: o Dossiê mostra-se um compilado da intensa e profícua produção antropológica de nortistas e nordestinos - que demonstram as similaridades e idiossincrasias desses territórios tantas vezes preconceituosamente vistos como “iguais” por outras regiões -, interseccionando as temáticas em contribuições ímpares para a Antropologia contemporânea.

Ceará, Pará, Bahia e Maranhão foram os estados mais presentes nos materiais apresentados, que nos dão indicativos das análises e formas de produzir, pensar e articular a

teoria e a prática antropológicas em cada cenário apresentado. A partir da experiência de organização deste Dossiê, deixamos a sugestão de que se atente para a demanda por mais espaços de diálogos qualificados, que articulem outros territórios e temáticas fora do eixo sul-sudeste, nas propostas futuras de nossos periódicos científicos nacionais.

Entre os trabalhos aqui reunidos, no artigo “Categoria Pardo: Mestiçagem na América Latina, Brasil e Ceará”, as autoras Karlene da Silva Andrade e Bruna Silva Araújo propõem-se a discutir e desestabilizar a compreensão sobre a categoria “pardo” no Brasil, pensando a partir da região Nordeste e, especificamente, o estado do Ceará. No texto seguinte, “Um convite para sentir: alimento, trabalho e racismo das periferias de Belém nas pinturas modernistas da segunda metade do século XX”, Alessandra Moreira Galvão faz uma análise sobre a representação do trabalho e do racismo nas produções artísticas paraenses do século XX. Em “Empoderamento de gênero através da Associação Oxalá de Bujaru no quilombo São Judas Tadeu – PA”, a pesquisadora Dulcilene Alves de Castro aborda a trajetória de uma mulher quilombola, presidenta da Associação Remanescente de Quilombola Oxalá de Bujaru – ARQUIOB, no Pará, em suas ações, espaço ocupado e conquistas coletivas.

“‘É no terreiro que as bichas se encontram’: experiências afrorreligiosas e homoafetivas como identidades subalternas nos terreiros de Umbanda em Igarapé-Açu/PA”, texto escrito por Marlison Souza Moraes, investiga o lugar e os sentidos que as homoafetividades e identidades de gênero ocupam em dois terreiros de Umbanda localizados no interior paraense. Já no artigo “A identidade negra-amazônida e a imagem de Zélia Amador De Deus: os olhares de artistas negras/os sobre a herdeira de Ananse”, de Emerson Silva Caldas, as/os leitores encontrarão uma análise das produções de artistas negras/os paraenses que dialogam com a imagem de Zélia Amador, professora emérita da UFPA, atriz, antropóloga e ativista do Movimento Negro.

A autora Denyse de Almeida dos Santos nos oferece, no artigo intitulado “Trans-diário: descolonizando a travestilidade no semiárido baiano”, uma reflexão baseada na narrativa autobiográfica de uma travesti negra do semiárido baiano, destacando a intersecção entre subjetividade, sexualidade, gênero e etnicidade. Ainda pensando sobre o contexto baiano, o artigo “O Baba de Saia na Bahia: notas sobre futebol e gênero em produções

audiovisuais”, escrito por Lucas Maroto Moreira, aborda a relação entre futebol, dinâmicas de gênero, lazer e masculinidades no evento esportivo conhecido como *Baba de Saia*.

No artigo “Entre a liberdade sexual e a censura ditatorial: as representações de mulheres lésbicas no jornal A província na década de 1970”, da Alana Castro, discute as demarcações na cidade de Belém do Pará em relação às mulheres lésbicas na ditadura militar através de um jornal local. No artigo “Vivência musical e ativismo: a atuação política do coletivo de mulheres indígenas ‘as Karuanas’”, Michel Albuquerque Maciel busca refletir sobre os aspectos políticos construídos na vivência musical do coletivo pesquisado, e assim, entender os fios que conectam a música e o movimento político.

Seguindo a ordem do Dossiê, no artigo “*Filhas de Marudá*: vivências das mulheres no universo da pesca artesanal em uma localidade da RESEX Marinha mestre Lucindo, Pará”, Layse Rosa Miranda da Costa analisa, a partir de uma vasta pesquisa de campo e produção etnográfica, as interações sociais das moradoras que estão em torno da pesca artesanal na região. O espaço se entrelaça com as experiências das *filhas* no universo da pesca na região do salgado paraense. Posteriormente, o artigo “Tensionamentos regionais nas políticas: notas sobre transgeneridade frente à cidadania no Nordeste”, de Kyury Silva de Assis, visa elencar, a partir de uma extensa análise bibliográfica, como a transfobia é um problema público na produção das vivências sociais. Além disso, o autor refletiu sobre os altos índices de violência e assassinatos registrados, tecendo fios analíticos sobre as violências imputadas à população trans no Nordeste.

Na sequência, no artigo “População LGBTQ+, ‘pirraça’, e empoderamento na comunidade quilombola do Cumbe, Aracati/Ceará”, Ozaías da Silva Rodrigues traz uma discussão que envolve jovens e adultos LGBTQ+ na comunidade quilombola e almeja compreender as dinâmicas e particularidades das experiências dos sujeitos, histórias de vida e produção de resistência em Aracati, Ceará. Fechando o ciclo de artigos do dossiê, temos o trabalho de autoria do Eduardo Ferreira da Silva, com o título “Katumawaiwi: saúde da terra e as plantas companheiras em Alter do Chão, Pará”, que busca compreender as produções relacionais entre seres humanos e plantas, a partir da trajetória de uma interlocutora. Fruto de uma pesquisa extensa, paciente e fluida, o autor incorpora no seu texto as conexões (re)construídas entre humanos e não-humanos.

Por último, na modalidade de ensaio visual, Benedita Costa nos presenteia com um ensaio intitulado “Paraíso apinhado: sobre outros enquadramentos dos Lençóis Maranhenses”, onde a autora busca visualizar as profusões, contatos e inflexões dos turistas

que aproveitam as belezas naturais dos Lençóis. Materializando paisagens, Benedita nos abrilhanta com imagens que saltam os olhos, e demonstram como a territorialidade são produções das interações humanas.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. 2020. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra.
- BEMERGUY, Telma. 2019. *Antropologia em qual cidade? Ou porque a “Amazônia” não é lugar de “antropologia urbana”*. Ponto Urbe, n.29, v.1.
- CERTEAU, Michel. 2014. *Caminhadas pela cidade*. In: CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 157-177.
- CRENSHAW, Kimberle. 2002. *A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero*. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberlecrenshaw.pdf>.
- CUCHE, Denys. 1999. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc.
- DAMÁSIO, Ana Clara. 2021. *Como pode o “Outro” narrar? Considerações sobre viver, fazer e escrever na Antropologia*. PÓS, v. 16, n. 1, p. 72-99.
- ERICK, Igor. 2020. *Entre corpos, sensações e paisagens: Reflexões sobre a diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia.
- FERREIRA, Paulo Rogers. 2006. *Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, 2006.
- GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. 2015. *Diversidade sexual e de gênero, ruralidade, interioridade e etnicidade no Brasil: ausências, silenciamentos e... exortações*. Aceno, v.2, n.4, p.24-40, 2015.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2008. *Faculdades femininas e saberes rurais. Uma etnografia sobre gênero, e sociabilidade no interior de Goiás*. São Paulo. Serviço de comunicação social: FFLCH/USP, 2008.
- PERLONGHER, Néstor. 1984. *ANTROPOLOGIA DAS SOCIEDADES COMPLEXAS* identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. "Semana de Ciências Sociais" IFCH, UNICAMP..

ROSÁRIO, Victor Lean do. 2024. *“Nesse terreiro tem axé e tem viado”*: experiências homoafetivas e sexualidade em um terreiro de umbanda no nordeste paraense. Cotia: Margem da Palavra.

ROY, Ananya. 2007. *The 21st-Century Metropolis: new geographies of theory*. Regional studies. v.43, n.6, p.819-830, 2007.

SOUZA, Camilla da Silva. 2013. *Relações de gênero em bacuriteua (pa): imaginário do homoerotismo masculino entre coletores de caranguejo*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança.

VELHO, Gilberto. 1989. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar.